

# “ABAIXO A REPRESSÃO, MAIS AMOR E MAIS TESÃO”

UMA MEMÓRIA SOBRE A DITADURA

E O MOVIMENTO DE GAYS E LÉSBICAS DE SÃO PAULO NA ÉPOCA DA ABERTURA

“DOWN WITH THE REPRESSION, MORE LOVE AND MORE DESIRE”

A MEMOIR ABOUT THE DICTATORSHIP

AND THE GAY AND LESBIAN MOVEMENT IN SÃO PAULO AT THE TIME OF THE POLITICAL OPENING

**JAMES N. GREEN** | Professor de História e de Estudos sobre o Brasil na Brown University, atuou como diretor do Center for Latin American and Caribbean Studies da Brown University e como presidente da Brazilian Studies Association (Brasa) e do New England Council on Latin American Studies (Neclas).

## RESUMO

Este testemunho conta a trajetória política de James N. Green, um norte-americano que se envolveu no movimento contra a guerra no Vietnã nos anos 60 e depois participou das atividades nos EUA contra a ditadura militar brasileira. Em 1976 chegou ao Brasil, entrou para uma organização da esquerda revolucionária e foi um dos fundadores do primeiro grupo de gays e lésbicas do país. Este relato sobre a sua vida retrata as primeiras tentativas de se criar um diálogo entre a esquerda brasileira e o emergente movimento LGBT no contexto da luta contra a ditadura militar.

*Palavras-chave: resistência à ditadura no Brasil; movimento LGBT; homofobia; esquerda brasileira.*

## ABSTRACT

This memoir relates the political trajectory of James N. Green, a North American who was involved in the movement against the Vietnam War in the 1960s and then participated in activities in the USA against the Brazilian military dictatorship. In 1976 he traveled to Brazil where he joined a revolutionary left organization and was also a founder of the first political organization of gays and lesbians in Brazil. This story about his life describes the first attempts to create a dialogue between the Brazilian left and the emergent LGBT movement in the context of the fight against the military dictatorship.

*Keywords: resistance to the dictatorship in Brazil; LGBT movement; homophobia; Brazilian left.*

## RESUMEN

Este testimonio narra la trayectoria política de James N. Green, un estadounidense que estuvo involucrado con el movimiento contra la guerra de Vietnam en los años 60 y luego participó en las actividades en los Estados Unidos contra la dictadura militar brasileña. Llegó a Brasil en 1976, donde se unió a una organización de la izquierda revolucionaria. Fue uno de los fundadores de la primera organización política para los gays y las lesbianas en Brasil. Este relato de su vida retrata los primeros intentos de crear un diálogo entre la izquierda brasileña y el emergente movimiento LGBT en el contexto de la lucha contra la dictadura militar.

*Palabras clave: resistencia a la dictadura en Brasil; movimiento LGBT; homofobia; izquierda brasileña.*

*Em 1993, como parte de um exercício acadêmico na University of Califórnia (Ucla), Los Angeles, James N. Green escreveu uma “autoentrevista” refletindo sobre os seus vinte anos de participação na luta contra o autoritarismo e em prol dos direitos dos gays nas Américas. No início dos anos de 1970, como parte de um grupo de jovens radicais de uma seita protestante e pacifista (quakers), Green ingressou em grupos de solidariedade que advogavam o fim da tortura e da repressão no Brasil e no Chile. A busca por combinar sua identidade sexual e política foi central em seu ativismo nos Estados Unidos e na América Latina. Em 2011, a editora de uma coletânea sobre solidariedade internacional e a Guerra Fria entrou em contato com ele com a proposta de que revisitasse este testemunho e refletisse novamente sobre essa história, em especial sobre como o ativismo transnacional jogou um papel importante no movimento pelos direitos dos gays no Brasil. A autoentrevista original foi revisitada, editada e reproduzida como uma peça entrelaçada por novas reflexões. Ela destaca a necessidade de aprofundar investimentos acadêmicos em relação aos movimentos de liberação sexual na América Latina e a relação desses movimentos com a mudança no panorama político da região. Além disso, a experiência de Green joga luz nas complicadas relações estabelecidas entre movimentos sociais transnacionais e organização política.*

O ano de 1978 foi estimulante no Brasil. O ar estava pesado com a sensação de iminente mudança política. Após uma década de governo militar bastante rígido, todos pareciam saber que o fim dos generais estava próximo. Aproximadamente 170 mil metalúrgicos largaram suas ferramentas e investiram contra as políticas salariais repressivas do governo. Estudantes enchiam as principais ruas das capitais cantando “abaixo a ditadura”. Rádios tocavam músicas que anteriormente tinham sido censuradas e agora estavam no topo das listas das mais tocadas. Negros, mulheres e até mesmo homossexuais começaram a se organizar, exigindo ser ouvidos.

Durante o longo verão tropical que se estendeu do fim de 1978 ao início de 1979, reuni-me a aproximadamente uma dúzia de jovens estudantes, profissionais liberais, bancários e intelectuais na cidade de São Paulo que se encontravam semanalmente. Revezando os locais de encontro de apartamento em apartamento, sentando no chão por falta de móveis adequados, planejavamos a formação da primeira organização voltada para os direitos dos homossexuais no Brasil. Alternando entre ações para ampliar nosso autoconhecimento gay e discussões de grupo, debatíamos as mais recentes declarações antigays feitas nos tabloides e a necessidade de coordenar uma resposta articulada do nosso recém-fundado grupo, batizado de Núcleo de Ação pelos Direitos Homossexuais. Todos os meses, devorávamos a nova publicação mensal gay *Lampião da Esquina*, produzida por um coletivo de escritores e intelectuais do Rio de Janeiro e São Paulo, que se declarava um veículo para discussão da sexualidade, discriminação racial, artes, ecologia e machismo.

A primeira onda do movimento brasileiro de liberação de gays e lésbicas estourou na cena política nacional entre 1978 e 1979, mas se reduziu cinco anos depois a poucos grupos. Entre meados e final dos anos de 1980, um aglomerado de pessoas sustentou os ideais do movimento enquanto lutava, ao mesmo tempo, para responder à crise causada

pela Aids.<sup>1</sup> Em 1990, uma nova geração de ativistas surgiu e, hoje, o Brasil tem um dos mais dinâmicos movimentos LGBTQ<sup>2</sup> do mundo.

Como historiador do Brasil e um dos principais integrantes daquelas que foram as mais importantes organizações de liberação gay durante os estágios iniciais do movimento, posuo conhecimento e acesso privilegiado a fontes, o que me permitiu escrever sobre vários aspectos de sua história.<sup>3</sup> Ainda assim, representou um desafio narrá-la.

Como seria possível um dos antigos líderes daquele movimento social analisar os acontecimentos que ele ajudou a concretizar com distanciamento e circunspeção suficientes, de forma a produzir um relato adequado do que ocorreu? De que modo a própria subjetividade e os interesses pessoais em jogo influem na interpretação das cores do passado? Os protocolos acadêmicos voltados para a publicação de artigos históricos submetidos à análise de pares, ou publicados em coleções sob a responsabilidade de um editor, exigem “objetividade”, distanciando o autor do assunto tratado, de modo que o leitor raramente tem acesso à história por trás do pano, isto é, ao porquê de o autor escolher aquele tema e qual o seu envolvimento com ele. Os historiadores tendem a desprezar as narrativas antropológicas de observação participante nas quais o autor inclui a si próprio no esforço de pesquisa. Ao escrever esta autoentrevista, decidi articular o meu papel no movimento e entrar numa polêmica com João Silvério Trevisan, outro líder do movimento, que tinha uma visão completamente diferente da direção que o ativismo deveria tomar. Assim, minhas perspectivas políticas claramente vêm à tona, sem que eu tenha nenhuma pretensão de escondê-las atrás de uma fachada de distanciada neutralidade.

Criado como um *quaker*, estive rodeado durante a juventude por pessoas envolvidas com o ativismo social, sobretudo no campo dos direitos civis e no movimento pela paz. Iniciei meu ativismo contra a Guerra do Vietnã quando ainda era um calouro no ensino médio, e continuei assim durante o ensino superior, participando em todas as grandes mobilizações contra a guerra que ocorreram em Washington D. C. nos anos de 1960 e 70, bem como em atividades locais. Normalmente, quando *quakers* e outros pacifistas são convocados, acabam trocando o serviço militar por um serviço alternativo, como trabalhar num hospital para doentes mentais por dois anos. Assim como muitos dos jovens *quakers* radicais, recusei também essa alternativa por considerar que eu continuaria fazendo parte do sistema militar. Ainda que tenha devolvido minha carta de convocação, nunca fui enviado à cadeia por não

---

1 No final dos anos de 1980, escritores brasileiros começaram a redigir a história do movimento gay brasileiro. O escritor e ativista gay João S. Trevisan dedicou ao tema um capítulo de seu livro *Peverts in Paradise* (1986), intitulado “Gay Politics and the Manipulation of Homosexuality”. O antropólogo Edward MacRae que, ao mesmo tempo em que pesquisava para sua tese de doutorado, participou como membro do primeiro grupo gay, retrabalhou essa pesquisa (MacRae, 1990). Ele também publicou um artigo em inglês (MacRae, 1992).

2 A sigla refere-se a lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros/transsexuais e *queers* (termo depreciativo, equivalente a “bicha” em português, apropriado por parte do movimento gay ou, alternativamente, que afirma a fluidez de sexualidade).

3 Para artigos e livros sobre o movimento, escritos de diferentes perspectivas, veja Green (1994; 1999; 2000a; 2000b; 2007).

cooperação, porque um ano antes o governo modificou o sistema e começou a chamar as pessoas por loteria. Meu número nunca foi chamado, mas a minha carta de convocação, devidamente amassada e rasgada, deve estar arquivada em algum lugar em Baltimore, minha cidade natal, onde deveria ter me inscrito para o serviço militar ou alternativo.

Quando estava na universidade, passei o verão de 1971 em Cuernavaca, México, aprendendo espanhol no Centro Intercultural de Documentação (Cidoc), fundado por Ivan Illich, um ex-padre que fazia parte da ala progressista da Igreja Católica. O Cidoc treinava missionários dos EUA que estavam indo atuar na América Latina. Também se parecia com uma universidade aberta para cidadãos norte-americanos que desejavam aprender sobre a América Latina. Foi lá que encontrei missionários Maryknoll<sup>4</sup> de esquerda que estavam a caminho ou retornando da Guatemala e do Chile, norte-americanos que tinham ido a Cuba para conhecer mais sobre a revolução, e outros que tinham estado recentemente no Chile, onde Salvador Allende, um marxista, tinha sido eleito presidente com o apoio de uma coligação esquerdista. Também encontrei socialistas de diferentes partes da América Latina, desenvolvi uma crítica mais coerente do imperialismo dos Estados Unidos e comecei a me identificar com a esquerda marxista norte-americana. Voltei para os EUA com uma visão bastante romântica da revolução na América Latina.

Em 1972, terminei a universidade e entrei em um grupo de jovens radicais *quakers*, numa comunidade na região oeste do estado de Nova Iorque. No final do ano, sete de nós mudamos para a Filadélfia e passamos a viver numa região no norte da cidade que era predominantemente habitada por trabalhadores afro-americanos e porto-riquenhos, perto da *Temple University*. Planejavamos estudar a América Latina e nos envolver em ações políticas contra a intervenção dos Estados Unidos na região. Nossa comunidade estava ligada em um movimento mais amplo na região ocidental da Filadélfia, chamado Centro Vida, que promovia modos de vida alternativos e ações diretas não violentas.

Tinha ido estudar espanhol no México porque percebi que a Guerra do Vietnã terminaria em breve e que a América Latina seria palco da próxima intervenção internacional dos Estados Unidos. Meu círculo de amigos ativistas compartilhava o ponto de vista de que a América Latina tinha importância estratégica para os EUA, e queríamos nos opor a essas intenções nefastas. Das sete pessoas do nosso coletivo, uma já tinha morado na Bolívia e mantido conexões profundas com o país. O restante de nós tinha algum interesse indireto na América Latina e estava aprendendo a falar espanhol.

Esse foi um momento tumultuado na minha vida pessoal. Mesmo tendo uma namorada, no decorrer dos dois últimos anos eu gradativamente aceitara o fato de que sentia fortes desejos homossexuais. Então, no início de 1973, finalmente saí do armário. Queria desesperadamente encontrar outras pessoas gays e por essa razão fui, junto com uma mulher da

---

4 Maryknoll é o termo que designa três ordens católicas sediadas nos Estados Unidos: Catholic Foreign Mission Society of America, Maryknoll Sisters of St. Dominic e Maryknoll Lay Missioners. Durante os anos de 1960 e 70, muitos missionários dessa ordem na América Latina se identificaram com a teologia da libertação.

nossa comunidade, para um encontro do Gay Activist Alliance (GAA). Essa organização estava planejando, entre outras atividades, um piquete na frente de um bar gay que discriminava as lésbicas, os negros e os travestis. Particpei desse protesto antes mesmo de conhecer o mundo gay, o que indica bem a minha militância política naquela época. Por fim, descobri que o GAA era muito moderado e que seus membros, com exceção de uma ou duas pessoas, tinham pouco interesse no movimento antiguerra ou em protestar pelos direitos civis. Por essa razão, deixei de ir aos encontros.

Na própria comunidade onde eu morava, terminei sendo a única pessoa que ainda perseguia o objetivo original de se envolver com ações políticas relacionadas à América Latina e de participar de um movimento transnacional de solidariedade. Tenho certeza de que minhas motivações políticas estavam em parte relacionadas com o meu sentimento de marginalização enquanto homem gay que não se enquadrava nos papéis tradicionais de gênero. Quando estava crescendo, sempre me senti diferente, e me identificava com as pessoas que estavam sendo oprimidas ou perseguidas. Era uma forma de lidar com o meu próprio sentimento de isolamento e solidão.

No início de 1973, ao mesmo tempo em que estava me assumindo para mim mesmo e para meus amigos, entrei em contato com diferentes grupos da Costa Leste dos Estados Unidos que tinham como foco a América Latina. Havia então relativamente poucas organizações sólidas que trabalhavam com a América Latina, e elas estavam espalhadas pelo país. Comecei a trabalhar, em Washington D. C., com alguns brasileiros e norte-americanos que tinham formado, em 1971, o Comitê Contra a Repressão no Brasil (Carib, na sigla em inglês) para denunciar o apoio dos EUA à ditadura no Brasil e à tortura de ativistas políticos pelos militares. Marcos Arruda, um ex-presos político torturado pelo regime, foi o fundador do grupo.<sup>5</sup> Em 1971, ele conseguiu ir aos Estados Unidos, onde sua mãe residia e organizava protestos contra a visita do presidente Médici à Casa Branca durante o governo Nixon. Arruda e outros formaram a organização *Common Front for Latin America* para ampliar o trabalho que eles vinham fazendo sobre o Brasil, passando a incluir outros países, especialmente Argentina, Bolívia e Chile.

Naquele momento, no início da década de 1970, a esquerda nos Estados Unidos estava entrando em colapso, embora eu ainda não compreendesse plenamente esse fato. O movimento antiguerra tinha se dissipado, e as ações de solidariedade com a América Latina representavam uma das poucas campanhas que ainda lembravam o clima positivo que a esquerda experimentara. O Chile tornou-se uma nova *cause célèbre* quando, em 11 de setembro de 1973, as forças armadas prenderam, torturaram e mataram milhares de esquerdistas. O *coup d'état* causou um profundo efeito em mim, porque o Chile parecia ser o país onde era possível ocorrer uma transição pacífica para uma sociedade mais justa, e esse experimento tinha falhado. Naquele momento, isso parecia confirmar a ideia de que apenas a luta armada seria capaz de derrubar o capitalismo.

---

5 Para um impressionante relato sobre a prisão e as provocações pelas quais passou Marcos Arruda, ver Sattamini (2010).

Correndo contra o tempo, organizamos uma demonstração no centro de Filadélfia e rapidamente montamos um comitê de solidariedade ao Chile, que em seguida se envolveu em várias atividades. Alguns meses depois, o navio veleiro *Esmeralda* aportou numa área próxima a Filadélfia para realizar reparos (logo após o golpe de Estado, as forças armadas chilenas utilizaram esse navio, originalmente de treinamento, para deter e torturar cerca de uma centena de ativistas políticos). Depois do golpe, o governo chileno enviou esse navio em uma missão mundial para promover o novo regime. Contudo, descobrimos que seus oficiais seriam convidados para um evento na cidade, e então preparamos uma recepção pública. Quando eles começaram a descer a rua em direção ao evento, cerca de mil pessoas estavam esperando para saudá-los com o canto “Chile si! Junta no”.

Esses momentos na Filadélfia foram muito estimulantes para mim, mas me sentia isolado porque tinha apenas um amigo gay e de esquerda, Jeff Escoffier. Mesmo que Jeff e eu tivéssemos organizado um nada bem-sucedido grupo de estudos marxistas com um punhado de homens gays, para ver se conseguíamos compreender a relação entre opressão contra os gays e teoria marxista, encontrei poucas pessoas que compartilhassem meu interesse pela



esquerda e o ativismo pelos direitos de gays e lésbicas. Durante esse período, cheguei lentamente à conclusão de que o capitalismo era um sistema explorador e que o socialismo se apresentava como um modelo alternativo à organização da sociedade. Quando estava na universidade, tinha viajado pela Europa Oriental e não havia gostado da natureza burocrática daquelas sociedades, mas ainda me considerava um socialista. Tinha saído do armário e estava muito aliviado em aceitar a minha sexualidade, mas a maioria das organizações esquerdistas, com exceção dos Socialistas Democráticos da América (social-democrata), do Partido dos Trabalhadores Socialistas (trotskista) e do Partido Mundial dos Trabalhadores (marxista independente), era antigay. Não me encaixava no movimento de gays e lésbicas porque ele não tinha realmente uma perspectiva antirracista e anti-imperialista.

James Green na manifestação contra a ditadura brasileira de 7 de setembro de 1973, em frente à embaixada do Brasil em Washington. Foto: Harry and Loretta Strharsky



Por outro lado, nunca me senti completamente em casa no movimento de solidariedade. Embora algumas pessoas tenham sido muito boas comigo, sentia que os gays não eram, de fato, aceitos como iguais. Eu simplesmente não conseguia conciliar minha identidade gay com minha identidade de esquerda.

Ainda assim, vários grupos marxistas tentaram me recrutar. Esquerdistas me convidaram para abrir fóruns ou discutir individualmente minha participação. Uma vez que o Partido dos Trabalhadores Socialistas e o Partido Mundial dos Trabalhadores tinham posições pró-gay, eu era mais transparente com eles sobre o fato de ser gay do que com os maoistas e o Partido Comunista. Continuei simpatizando com eles, mas não queria me filiar ao Partido dos Trabalhadores Socialistas em grande parte em razão do sentimento antitrotskista que adotei por conta da influência de pessoas que integravam ou gravitavam em torno do Partido Comunista e faziam parte do Comitê pela Solidariedade com o Chile. Gostava da posição pró-gay do Partido Mundial dos Trabalhadores, mas eles não tinham, naquele momento, uma filial organizada na Filadélfia. Tive conversas com a União Revolucionária, um grupo maoista que depois se tornou o Partido Comunista Revolucionário, mas não gostava da posição deles sobre a homossexualidade, considerada pela organização como um “produto da decadência burguesa”. Lembro-me de um cara bonitinho que atuava na filial da Filadélfia e me contou que tinha sido gay, mas que, desde que entrou na organização, descobriu que aquilo era “decadente” e, por conta disso, tinha desistido da homossexualidade. Às vezes me pergunto quanto tempo aquilo durou para ele.

Inicialmente, líderes da Liga de Libertação dos Trabalhadores Jovens, a seção jovem do Partido Comunista, nos Estados Unidos, tentaram me recrutar. Então, num sábado à noite, um de seus membros, uma mulher que também era integrante do movimento de solidarie-



Protesto contra a ditadura brasileira de 7 de setembro de 1973, em frente à embaixada do Brasil em Washington. Foto: Harry and Loretta Strharsky

dade com o Chile, esbarrou comigo em *Pine Street*, um dos principais pontos de encontro gay na Filadélfia. Acho que ela descobriu que eu era gay, porque depois daquela noite deixei de receber convites para os encontros da organização. Tinha também desenvolvido uma posição crítica em relação às políticas do Partido Comunista na União Soviética, Europa Oriental e América Latina, o que me fez relutar em considerar a hipótese de entrar nessa organização.

Em 1974, tive uma experiência ruim com um segmento da esquerda que atuava na América Latina. Fiz um pedido para ir a Cuba e entrar na Brigada Venceremos, mas fui rejeitado. A Brigada Venceremos foi organizada em 1969 por anti-imperialistas dos Estados Unidos que se opunham ao bloqueio contra Cuba. Membros da brigada eram voluntários para trabalhar em Cuba por alguns meses. Eles ajudavam a cortar cana como uma forma de mostrar solidariedade com a Revolução Cubana, uma vez que o governo havia organizado uma mobilização nacional para aumentar a produção. Em 1971, no Primeiro Congresso sobre Educação e Cultura, o governo cubano tinha emitido uma declaração oficial afirmando que a homossexualidade era uma desordem patológica. Alguns dos membros da brigada que estavam em Cuba protestaram, e alguns setores do movimento de gays e lésbicas nos Estados Unidos manifestaram-se contra a política do governo cubano. Como resultado, a brigada passou a peneirar cuidadosamente gays e lésbicas que, de alguma maneira, pudessem criticar a posição do governo cubano em relação à homossexualidade. Então, apesar de eu ter uma folha impecável como ativista em movimentos de solidariedade, foi-me dito que eu não era adequado para a brigada porque era “insensível com as pessoas de cor”.

Muitos anos depois, uma prima de segundo grau, que era membro do Comitê Nacional da Brigada Venceremos, admitiu que eu fora rejeitado por ser gay. Quando ouvi isso, fiquei furioso e ferido, porque me identificava naquele momento mais com a esquerda do que com a comunidade gay. Contudo, a partir daquela experiência, desenvolvi uma compreensão melhor da atitude da esquerda em relação à homossexualidade. Comecei a ver que algumas correntes de esquerda eram homofóbicas, outras menos, e algumas nada homofóbicas. Por conta da minha experiência com a brigada, também fiquei mais hesitante em entrar num partido de esquerda.

Naquele tempo, a maior parte da esquerda americana achava que os homens gays eram instáveis, com frágeis relações emocionais, que não se poderia confiar neles, que eram vulneráveis a contar segredos e eram dados a caprichos. Ao mesmo tempo, havia uma noção disseminada entre a esquerda daquele período que romantizava a masculinidade revolucionária, a qual era precedida por uma série de símbolos e códigos, representada por Che Guevara, que idealizava o macho frio e contido que se sacrificava pela causa. Homens gays não cabiam naquele modelo porque eram vistos como fracos e efeminados, volúveis, não atléticos e, dessa forma, não poderiam ser revolucionários. Ao mesmo tempo, observei que as mulheres esquerdistas geralmente tinham de se masculinizar para assumir posições de poder. Essas mulheres endurecidas também tinham de provar sua feminilidade mostrando que eram capazes de ter relações sexuais com homens. Algumas das que conheci tinham vidas privadas discretas, e não sei se eram lésbicas ou não. Existiam diferentes padrões a serem seguidos por lésbicas e homens gays.



Sem conseguir achar uma comunidade política na Filadélfia, me mudei para a Califórnia, imaginando que lá encontraria mais pessoas como eu. Acabei por me estabelecer, em novembro de 1974, na região da *Bay Area* – área da baía de São Francisco. Logo depois, entrei no Comitê de São Francisco pela Solidariedade ao Chile. Fui muito bem recebido, em parte porque antes da minha chegada alguns dos membros mais comprometidos do grupo tinham sido homens gays. Vários deles tinham apoiado o trabalho da *United Farm Workers* (UFW), um sindicato rural majoritariamente composto por trabalhadores mexicanos e filipinos. Enquanto apoiavam a UFW, esses militantes tiveram alguns incidentes homofóbicos e confrontaram a liderança da organização por conta disso. Alguns desses mesmos gays também se envolveram posteriormente com o movimento de solidariedade à Nicarágua.

O Comitê de São Francisco pela Solidariedade ao Chile era um grupo muito eclético de pessoas. No período em que me tornei atuante no grupo, os demais homens gays já tinham se transferido para novas atividades políticas, mas me senti em casa. Mesmo que o Comitê não tivesse uma perspectiva política unificada, uma das pessoas mais influentes no grupo era uma mulher que havia sido próxima a um grupo esquerdista revolucionário chileno, o *Movimento de la Izquierda Revolucionária* (MIR). Outros tinham estado no Chile e ficaram indignados com a brutalidade do regime militar, desejando fazer alguma coisa concreta para mostrar apoio ao povo chileno.

Na região da área da baía de São Francisco, o movimento mais forte de solidariedade era o grupo *Non-Intervention in Chile* (NICH), que estava baseado em Berkeley. O NICH tinha uma influência considerável entre os ativistas do movimento de solidariedade ao Chile, e apoiava de forma geral o MIR. O boletim do NICH destacava informações sobre a luta armada e apoiava a resistência radical ao regime Pinochet. Quando as pessoas no movimento de solidariedade discutiam o que tinha ocorrido no Chile durante o governo da Unidade Popular (UP), liderado por Salvador Allende, o NICH normalmente descartava essa experiência por considerar que o governo da UP possuía um programa reformista e cheio de erros. Já o MIR e seus apoiadores tinham uma relação complexa com a UP, porque criticavam suas políticas e ao mesmo tempo tentavam trabalhar com os membros e simpatizantes dos partidos Socialista e Comunista, que eram duas das três maiores forças políticas da coalizão eleitoral de Allende.

Essa tensão se refletia em debates e outros eventos organizados no restaurante e centro cultural La Peña, um local em Berkeley que tinha sido fundado por adeptos do NICH como um ponto para as atividades do movimento de solidariedade. Os organizadores do La Peña apoiavam a realização de concertos dos principais cantores esquerdistas com músicas de protesto da América Latina, e também promoviam eventos políticos sobre os últimos acontecimentos no Chile. Esses encontros sempre provocavam discussões ríspidas entre os ativistas do movimento de solidariedade. Por exemplo, quando Laura Allende, ex-senadora do Partido Socialista, ex-prisioneira política e então exilada, viajou para a área da baía de São Francisco, ela se viu numa situação insólita. Seu filho era líder do MIR, mas ela apoiava a UP e era irmã de Salvador Allende. As pessoas que a receberam apoiavam majoritariamente o MIR, mas em suas apresentações ela deixava transparecer ser uma esquerdista moderada.

Havia uma contínua e sutil tensão entre os ativistas que defendiam diferentes estratégias para a mudança política na América Latina.

Ao mesmo tempo que me envolvi com o movimento de solidariedade ao Chile em São Francisco, entrei em um grupo chamado União 28 de Junho, batizado em homenagem ao dia de 1969 em que ocorreu, na cidade de Nova Iorque, a Rebelião de Stonewall, que marcou o início do movimento moderno de gays e lésbicas.<sup>6</sup> A União 28 de Junho era um coletivo de doze a catorze homens. Muitos deles já tinham integrado o grupo “Estudantes por uma Sociedade Democrática” e apoiavam o Comitê de Mobilização *Pairie Fire*, que era o braço legal do *Weather Underground*,<sup>7</sup> ou pelo menos do que restou dele. Eles apoiavam as lutas do Terceiro Mundo e as campanhas antirracistas nos Estados Unidos. No grupo, nos considerávamos esquerdistas ou marxistas, mas, na verdade, a maioria de nós não tinha posição ideológica ou filiação política fixa.

A União 28 de Junho reunia gays de esquerda que buscavam discutir a discriminação e a homofobia e, ao mesmo tempo, apresentava um programa esquerdista. Nossos encontros alternavam entre discussões políticas e atividades no contexto da comunidade de gays e lésbicas e entre grupos esquerdistas na área da baía de São Francisco. Não era um equilíbrio político fácil de ser mantido. Naquele ano de 1974, por exemplo, uma coalizão de grupos esquerdistas vetou nossa participação nas atividades do Dia do Trabalho, no 1º de Maio, realizadas em Oakland, por receio de alguns organizadores de que pudéssemos alienar ou afugentar o público que eles estavam tentando atrair para o evento.

No âmbito da União 28 de Junho, os membros tinham a responsabilidade de promover diferentes eventos públicos. Decidimos que deveríamos organizar alguma coisa sobre o Chile no segundo aniversário do golpe de 11 de setembro. Chamamos o evento de “Solidariedade Gay com o Chile”. (Naquele tempo, “gay” ainda era uma senha para gays e lésbicas, e não um termo que identificava exclusivamente homens.) O evento foi realizado em um centro comunitário que ficava entre os distritos de Castro e Haight-Ashbury, muito próximo ao centro da vida gay na cidade. De 300 a 350 pessoas, aproximadamente, compareceram ao evento, o que foi considerado, na época, um grande número. O evento contava com um grupo de lésbicas cantando *a capela*, poetas gays e lésbicas, um filme sobre a organização do MIR durante o governo Allende e obras de arte de Lisa Kokin, que era membro do Comitê pela Solidariedade com o Chile e expôs murais de batique<sup>8</sup> que retratavam as lutas políticas no Chile e em outros países do Terceiro Mundo.

A União 28 de Junho decidiu que eu deveria fazer o discurso de abertura. Nele, argumentei que a comunidade gay e lésbica dos Estados Unidos deveria mostrar solidariedade

---

6 A Rebelião de Stonewall foi uma série de conflitos ocorridos, em 28 de junho de 1969, nas cercanias do bar Stonewall, na cidade de Nova Iorque, entre gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros e a polícia.

7 A *Weather Underground Organization* (WUO) foi uma organização americana de extrema-esquerda fundada, em 1969, no campus de Ann Arbor da Universidade de Michigan. Entre outras ações radicais, foi responsável pela explosão de uma bomba no Pentágono, em 1972.

8 Técnica de tingimento em tecido artesanal, originária da ilha de Java, na Indonésia.

para com a resistência ao regime de Pinochet. Não me detive em qualquer análise política sofisticada, preferindo destacar que, tanto nos Estados Unidos como no Chile, gays e lésbicas sofriam com a repressão policial, e que todo o aparelho do Estado chileno estava envolvido na repressão a sindicalistas, esquerdistas e seus defensores. Naquele momento eu não tinha, realmente, contatos diretos com gays e lésbicas no Chile, e apenas supunha que eles estavam, de fato, sofrendo repressão no governo Pinochet. A rádio KPFA transmitiu o evento ao vivo. Levantamos cerca de mil dólares que foram doados à “resistência”, isto é, ao MIR. Foi um evento fantástico e uma articulação nunca antes vista entre o movimento de solidariedade e a comunidade de gays e lésbicas.

Os exilados chilenos das organizações de esquerda que trabalhavam com o movimento de solidariedade na área da baía de São Francisco recrutaram diversos norte-americanos para suas organizações. Sabia que isto estava acontecendo e queria muito ser chamado a ingressar em uma dessas organizações. Eu era um sujeito que trabalhava muito duro, e não entendia porque não era chamado. Cerca de vinte anos depois, descobri que diversas pessoas tinham apoiado que me recrutassem para o MIR, mas alguns de seus membros haviam barrado a proposta argumentando que a organização não poderia recrutar bichas. Mesmo que alguns dos membros chilenos tivessem me defendido, a proposta foi vetada e eu nunca fui chamado a entrar na organização. Naquele momento, não tinha ideia de que isso estava ocorrendo.

Pouco depois desse evento, em dezembro de 1975, deixei São Francisco. Uma amiga brasileira e eu viajamos pela América Central até chegarmos à Colômbia. Consegui um emprego numa escola de línguas e me hospedei com um professor gay da Escola Nacional de Teatro que tinha vivido em Cuba no início dos anos de 1960. Discutimos a ideia de formar um grupo gay na Colômbia, mas não conseguimos encontrar outras pessoas interessadas. Existia uma vida noturna gay em Bogotá, mas as pessoas que abordamos achavam que era impossível organizar alguma coisa. Elas estavam com medo da repressão governamental ou então não achavam que outros se interessariam. Em meados de 1976 fui para o Brasil, viajando pelos rios Solimões e Amazonas e pelo Norte e Nordeste. Acabei em São Paulo, a maior cidade e o centro humano, cultural, político e econômico do país. Na época, São Paulo era o principal *locus* de oposição à ditadura.

Antes da minha chegada em São Paulo, em janeiro de 1977, João Silvério Trevisan, um brasileiro que eu conhecera em Berkeley, tinha formado um grupo para ampliar o autoconhecimento gay. De acordo com o seu relato do que ocorreu, o grupo não durou muito tempo. Trevisan conta uma história na qual os cerca de doze membros do grupo não conseguiam aceitar a própria homossexualidade, questionando até mesmo se deveriam estar discutindo o tema da sexualidade em lugar de se unir aos outros estudantes e oponentes do regime para que pudessem se organizar contra a ditadura. Trevisan é uma figura importante na história do movimento pela libertação gay no Brasil. Enquanto estudante, no final dos anos de 1960, ele tinha se envolvido com a esquerda brasileira. Durante o pior período da ditadura, ele também dirigiu um filme experimental *avant-garde* que nunca foi exibido em razão da censura governamental. Entrou então no que ele próprio descreveu como um autoexílio, viajando pela Amé-

rica Latina e passando a viver na área da baía de São Francisco. Retornou ao Brasil em 1975, publicando logo em seguida um livro de contos, alguns de temática abertamente homossexual, num período em que o governo militar censurava livros e filmes.

A situação política brasileira tinha mudado drasticamente em 1976, quando Trevisan organizou os primeiros grupos voltados para ampliar o autoconhecimento entre gays e, um ano depois, quando o movimento decolou. Estudantes começaram a fazer passeatas nas ruas contra a ditadura. Grupos de direitos humanos corajosamente denunciavam os excessos do regime. Organizações de trabalhadores protestavam contra a política salarial do governo. Ativistas políticos de esquerda, incluindo o Partido Comunista Brasileiro, trotskistas e outros grupos recrutavam secretamente trabalhadores e estudantes para as suas fileiras. A sensação de que a mudança era iminente afetou também gays e lésbicas brasileiros.

As transformações qualitativas na situação política inspiraram novas mobilizações, e gays e lésbicas perceberam que isso representava novas oportunidades e possibilidades. Ainda que o novo clima político favorecesse a emergência do movimento brasileiro de gays e lésbicas, um dos catalisadores veio de fora do país. No final de 1977, Wiston Leyland, o editor da publicação *Gay Sunshine*, de São Francisco, viajou para o Rio de Janeiro e São Paulo visando coletar material para uma antologia de literatura gay latino-americana. Trevisan e eu encontramos Leyland em São Paulo, e este também se reuniu no Rio com um grupo de escritores e intelectuais que decidiram lançar uma publicação gay mensal, batizada de *Lampião da Esquina*. O conselho editorial foi formado por professores universitários, intelectuais, artistas e escritores do Rio e de São Paulo. Muitos deles, incluindo Trevisan, tinham envolvimento com a esquerda. Por outro lado, o editor de redação do periódico tinha sofrido discriminação no Partido Comunista, no início dos anos de 1960, em razão de sua homossexualidade.

*Lampião da Esquina* foi uma das publicações alternativas que surgiram no final da década de 1970, quando a censura governamental afrouxou. O nome da publicação tem um duplo sentido, “lâmpada de rua”, que remete à vida gay nas ruas, e também o nome próprio “Lampião”, cangaceiro que andou pela região Nordeste do Brasil no início do século XX. O editorial da primeira edição, em abril de 1978, anunciava que a publicação se propunha a discutir sexualidade, discriminação racial, artes, ecologia e machismo. Os editores também afirmavam apoiar os movimentos dos homossexuais, das mulheres, dos indígenas, dos negros e os ativistas ambientais. Contudo, as 38 edições, publicadas em aproximadamente dois anos e meio de atividade, focaram sobretudo em cultura gay e no movimento de liberação sexual.

Em maio de 1978, um mês após a primeira edição de *Lampião* chegar às bancas, Trevisan, juntamente com seu namorado e um pequeno grupo de estudantes e profissionais liberais, formou um novo grupo que eles chamaram de Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais, uma combinação de ação para ampliar o autoconhecimento com grupo de debates. Como uma de suas primeiras atividades, o grupo discutia o conteúdo de *Lampião* assim que o jornal era publicado. Eles também escreveram uma carta aberta à imprensa brasileira protestando contra a forma negativa como a homossexualidade era retratada nas páginas de alguns tabloides que viviam de escândalos.

Estive ausente do grupo em sua fase inicial, ocupado em tentar obter um visto de permanência no Brasil. Quando retornei, no final de agosto de 1978, entrei quase que imediatamente no grupo. Ao mesmo tempo, comecei a trabalhar na equipe editorial da *Versus*, outra publicação mensal alternativa que tinha sido criada com uma perspectiva esquerdista e pan-latino-americana. Meu namorado era um dos membros do conselho editorial da *Versus*, embora ele ainda estivesse no armário e com medo de que seus amigos o rejeitassem se soubessem que era gay. Creio que meu namorado e eu nos sentimos atraídos um pelo outro porque éramos esquerdistas. Ainda assim, existia uma sombra constante pairando sobre a nossa relação, porque eu desejava estar envolvido tanto no movimento gay quanto no movimento de esquerda, enquanto ele achava que os grupos gays que se formavam estavam cheios de homens alienados e efeminados. Ele não queria fazer parte disso. Quanto a mim, desde que me assumi, em 1973, estava tentando achar um parceiro com o qual também tivesse afinidades políticas, por isso tinha esperanças de que fosse uma questão de tempo para que ele aceitasse a si mesmo e passasse a apoiar o movimento gay. Embora nossa relação tenha permanecido tensa a respeito das atividades gays, ele abriu as portas da esquerda brasileira para mim.

Enquanto o meu namorado trabalhava para a *Versus*, a maior parte do conselho editorial da publicação ingressou na Convergência Socialista (CS), uma organização trotskista que estava na semilegalidade durante o período de gradual liberalização do regime, em 1977 e 1978. Eu respeitava a organização política da CS entre os trabalhadores brasileiros. A maior parte dos integrantes de organizações de esquerda que conheci nos EUA era de intelectuais de classe média que falavam bastante sobre trabalhadores, mas pouco faziam para organizá-los. Sabia também que, internacionalmente, o trotskismo era a única corrente de esquerda que tinha participado do movimento de gays e lésbicas nos Estados Unidos e na Europa. Da mesma forma que imaginara, quando estava isolado na Filadélfia, que encontraria gays socialistas em São Francisco, pensei que poderiam existir gays assumidos na CS.

Naquele momento, também achei que a melhor maneira de trabalhar com a esquerda brasileira, sem ser visto como um agente da CIA, era ser o mais claro possível sobre a minha homossexualidade. Parecia pouco provável que o governo dos EUA recrutasse um homossexual assumido para se infiltrar numa organização brasileira de esquerda. Havia também a referência do meu namorado, ainda que ele não me apresentasse como seu amante, e sim como um amigo. Na semana que voltei ao Brasil, em 1978, a ditadura militar ordenou a prisão de todos os integrantes do comitê central da CS, acusando-os de violar a Lei de Segurança Nacional. Corri para ajudar a organização entrando em contato com a Anistia Internacional. Lembro-me de discutir com o meu namorado que, se alguém tinha dúvidas a respeito da minha lealdade, esta era mais uma razão para que ele esclarecesse de uma vez por todas a natureza da nossa relação. Ele não concordou, e muitos anos depois nos separamos, em parte por conta dessas diferenças. Logo após iniciar meu trabalho com a CS e o *Versus*, passei a fazer parte da equipe, e escrevi em coautoria um artigo sobre o movimento gay para o jornal.

O núcleo duro do grupo gay criado por Trevisan sabia que eu apoiava a CS e que meu namorado era editor do *Versus*. De fato, Trevisan e eu debatemos longamente a respeito do



relacionamento entre a CS e o movimento gay. Os líderes da CS tinham integrado um grupo clandestino chamado Liga Operária, realizando um trabalho de divulgação política entre os trabalhadores industriais e estudantes. Quando o governo expandiu o processo de liberalização controlada em 1978, eles decidiram sair do subterrâneo e aproveitar a nova situação para recrutar membros. Eles fundaram a CS e organizaram um grande evento público de inauguração. Um dos participantes do encontro sugeriu que o tema do apoio aos direitos dos homossexuais fosse incluído no programa do grupo, o que foi aprovado por unanimidade. Em um artigo publicado no *Lampião*, Trevisan criticou asperamente a CS porque a proposta de apoio aos direitos gays tinha sido incluída como adendo ao programa, e não estava presente em sua formulação inicial. Lembro-me de questionar Trevisan sobre o porquê de se gastar tempo criticando a única organização de esquerda que tinha uma posição positiva em relação à homossexualidade, em vez de focar suas críticas nos grupos que não tinham posição ou que eram homofóbicos.

Embora tivesse ouvido falar que um ou dois homens gays pertenciam à Convergência Socialista, eu não os conhecia. Então, no início do mês de setembro de 1978, ingressei no Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais e passei a participar de seus encontros. Na mesma época, o governo militar soltou da cadeia os líderes da CS e abandonou as acusações que pesavam contra eles. Logo depois, abordei uma das fundadoras da CS e perguntei sobre a possibilidade de criar um grupo de trabalho, no âmbito da organização, visando elaborar um ponto programático em favor dos direitos dos homossexuais. Ela apoiou a ideia e me direcionou para outros homens gays que faziam parte da organização. Juntos, criamos um documento educativo interno sobre a homossexualidade como parte das discussões pré-convenção da CS. Fui o autor da maior parte do documento que se chamava “Teses sobre a liberação homossexual”, finalizado em outubro de 1979. Após a convenção, montamos um grupo de trabalho composto por três membros da CS que queriam participar do movimento gay, enquanto continuávamos mantendo encontros periódicos com outros integrantes gays e lésbicas para debater possíveis ações educativas de combate à homofobia no âmbito da própria organização. Nós nos chamávamos de “Facção homossexual”. Com o tempo, ela passou a reunir uma dúzia de integrantes. No interior da CS, a reação ao nosso grupo variou da indiferença ao apoio entusiasmado. Muitos integrantes estavam orgulhosos de fazer parte do único grupo de esquerda que tinha uma política clara em favor dos direitos de gays e lésbicas. Outros talvez fossem hostis e não entendessem o que estava acontecendo, mas nunca se manifestaram a esse respeito publicamente.

Alguns integrantes do movimento sabiam sobre a organização de gays e lésbicas no interior da CS. Nunca escondi minha filiação política. Distribuí até mesmo o documento que escrevemos sobre a homossexualidade aos membros do movimento em São Paulo, e organizei um minigrupo de discussões com alguns dos integrantes mais engajados para explicar a análise que fazia a CS de como se poderia construir um movimento de gays e lésbicas e, possivelmente, recrutá-los para a organização. Por diversas razões, não fui muito bem-sucedido. Creio que a maioria dos membros do movimento tinha uma atitude hesitante em relação a CS, e os ataques constantes feitos em *Lampião da Esquina*

jogavam lenha nessa fogueira. Essa tensão criou, em um determinado setor, um clima de hostilidade em relação à esquerda. Além disso, entre 1978-1979, não estava claro ainda até que ponto o processo de liberalização da ditadura chegaria. Provavelmente, muitos gays e lésbicas sentiram que estariam assumindo riscos ao entrarem em uma organização homossexual. Alguns talvez não quisessem fazer parte de uma organização cujo comitê central tinha sido preso apenas um ano antes, e cujos membros haviam sido acusados de violar a Lei de Segurança Nacional. A ditadura também usou a CS como um bode expiatório, acusando-a de ter organizado uma onda de greves entre 1979-1980. Entrar em um grupo de esquerda também significava mais trabalho de natureza política, mais encontros, aumento de atividades ou, em outras palavras, uma vida muito disciplinada. Para um homem gay ou uma lésbica que estavam se assumindo para a família, amigos e sociedade e, ao mesmo tempo, participando em uma organização gay pela primeira vez, era um grande comprometimento.

Por conta desses fatores, a maior parte dos gays e lésbicas da Convergência Socialista tinham primeiro se politizado e somente depois saído do armário. Tenho a teoria de que muitos deles buscaram a esquerda enquanto estavam no armário como uma forma de entrar em acordo com a própria homossexualidade. Antes de sair do armário, eu me identificava com a opressão aos outros porque bem no fundo sabia que a sociedade estava me oprimindo. Não tinha coragem de lidar com a minha própria homossexualidade, então passei a lutar pelos direitos dos outros até conseguir desenvolver a força necessária para aceitar a mim mesmo. Muitos fundadores de organizações gays e lésbicas mundo afora são de esquerda. Na esquerda, eles ganharam a experiência organizacional e a perspectiva política necessárias para que pudessem compreender a necessidade de formar movimentos. Contudo, suspeito que, assim como eu, muitos entraram para a esquerda porque se sentiam oprimidos e buscavam lidar com isso lutando por outros grupos marginalizados.

O Núcleo de Ação pelos Direitos Homossexuais, após sua fundação, em maio de 1978, organizou grupos internos para ampliar o autoconhecimento na mesma perspectiva do movimento feminista nos Estados Unidos. Subgrupos promoviam encontros com facilitadores e discutiam tópicos como sair do armário ou sexismo, enquanto indivíduos dividiam suas experiências ou opiniões a respeito de determinados temas. O grupo também realizava encontros gerais e divulgava algumas poucas declarações públicas, na imprensa, sobre homofobia. Na sua fase inicial, o grupo estava atolado por falta de uma direção clara. Ele também se deparava com os mesmos tipos de problema que o movimento de gays e lésbicas enfrentara nos EUA no período pré-Stonewall, isto é, antes de 1969. Era difícil promover reuniões em locais públicos, de forma que as pessoas precisavam se encontrar no apartamento de alguém. Ainda que o Brasil estivesse experimentando o início de uma liberalização política, ninguém estava completamente confiante de que não ocorreria mais repressão em algum momento. Alguns temiam que suas famílias descobrissem que eles estavam participando desses encontros, ou que fossem perder seus empregos caso o grupo se tornasse muito conhecido. Assim, abrimos o grupo de uma

forma semiclandestina, assim como fizeram, nos anos de 1950 e início dos 60, a *Mattachine Society* e a *Daughters of Bilitis*.<sup>9</sup>

No final de 1978, o grupo decidiu que precisava aumentar a participação de seus membros. Não mais do que duas dúzias de homens e, às vezes, amigas lésbicas de alguns dos integrantes compareciam a encontros regulares. Como resultado de um debate interno de como intensificar o apelo à sociedade, mudamos o nome do grupo para Somos: Grupo de Afirmação Homossexual. Alguns dos membros apontavam que essa era uma homenagem à Frente de Liberação Homossexual (FLH), da Argentina, e à sua revista *Somos*. A FLH se formara, em 1971, como uma coalizão de diversos grupos de Buenos Aires, um dos quais fora criado em novembro de 1969. A Frente foi desarticulada em meados de 1976, após o *coup d'état* militar. Um ex-membro da FLH estava vivendo então em São Paulo, e agia como uma espécie de embaixador informal no exílio, distribuindo informação sobre o grupo para os membros do movimento brasileiro que estavam interessados em conhecer as experiências argentinas do início da década de 1970. Em determinado momento da discussão, alguém sugeriu que o novo nome deveria incluir a palavra gay em lugar de homossexual, porque este termo parecia frio e extraído da medicina. O grupo rejeitou a proposta de maneira praticamente unânime, sustentando que a palavra gay imitava o movimento dos Estados Unidos. Concordei com essa posição porque achava que o termo “gay” era totalmente estrangeiro à cultura brasileira.

Logo após o Somos adotar o seu novo nome, André Singer, presidente do Centro Acadêmico de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, convidou o grupo a fazer parte de um evento que cobriria uma semana inteira e discutiria os novos movimentos sociais. O painel incluía João Trevisan e Darcy Penteado, um artista famoso, ambos membros do conselho editorial da *Lampião na Esquina*, bem como três membros do grupo Somos. Mais de cem pessoas compareceram. Durante o período de debates, várias pessoas da audiência reclamaram que a esquerda era antigay. Representantes de organizações pró União Soviética, Albânia e Cuba retorquiram, afirmando que em vez de lutas específicas para determinadas causas, as pessoas deveriam se unir à luta geral contra a ditadura. Trevisan e outros responderam que a esquerda era homofóbica, e alguns esquerdistas criticaram o movimento gay, alegando que este era irrelevante. Sugeriu que não existia contradição entre a luta contra a homofobia e opressão e a luta contra a ditadura. Naquela noite, a discussão ficou polarizada numa caricatura do que seria o debate que, posteriormente, racharia o movimento.

O evento na Universidade de São Paulo fez o Somos ficar mais conhecido. Convocamos um encontro vários dias depois, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), e muitas pessoas novas, incluindo um bom número de lésbicas, apareceram e quiseram fazer parte do grupo. Enquanto em 1978 não mais do que quatro mulheres participaram durante

---

9 A *Mattachine Society* foi criada em Los Angeles, em 1950, por Henry Hay e outros ex-membros e apoiadores do Partido Comunista. Foi a primeira organização pelos direitos gay criada no pós-Segunda Guerra Mundial nos Estados Unidos. A *Daughters of Bilitis*, primeira organização pelos direitos das lésbicas nos Estados Unidos, foi criada em São Francisco, em 1955.

algum tempo na organização, após fevereiro de 1979 dúzias de lésbicas entraram no Somos. Elas rapidamente passaram a levantar questões sobre machismo, misoginia gay e sexismo. Por fim, as lésbicas do Somos formaram um grupo autônomo próprio no interior da organização, batizado de Grupo de Ação Lésbica-Feminista. Houve tensões entre os homens gays e as lésbicas do Somos, na maior parte das vezes porque homens gays que tinha acabado de entrar no grupo faziam comentários sexistas. A maior parte das lésbicas adotou uma perspectiva feminista, e muitos dos homens não conseguiam entender sobre o que elas estavam falando. Uma vez que me considerava um feminista desde 1969, mesmo antes de me tornar um marxista ou de sair do armário, fui um dos membros mais antigos do Somos a criticar o sexismo no nosso grupo, e defendi o direito das mulheres de se organizarem separadamente. Mas, para a maioria dos homens, aquelas propostas eram novas e ameaçadoras, assim como a ideia de uma organização autônoma de mulheres dentro do Somos.

Ainda que a formação, no âmbito do Somos, do Grupo de Ação Lésbica-Feminista tenha se dado, em parte, graças ao discurso sexista de muitos integrantes homens da organização, ela também foi resultado do interesse das lésbicas que desejavam participar do movimento pelos direitos das mulheres, de modo a discutir suas questões no contexto feminista. No início de 1980, a maior parte das lésbicas do Somos queria formar uma organização separada; o racha foi formalizado em abril daquele ano. Algumas poucas mulheres permaneceram no Somos, pois desejavam trabalhar numa organização mista.

A primeira campanha política consistente do Somos foi em defesa do *Lampião da Esquina*. Desde agosto de 1978, o governo brasileiro tentava fechar o jornal. Após quatro meses da fundação do *Lampião*, a polícia abriu inquéritos, no Rio de Janeiro e em São Paulo, acusando a publicação de violar a Lei de Imprensa por ofensa à “moral e aos bons costumes”, o que poderia levar a um ano de prisão. A polícia convocou os editores para que fossem fotografados e tivessem suas digitais registradas, de forma a intimidá-los. Essa ação da ditadura era parte de uma estratégia mais ampla, descoberta a partir de um documento do governo que vazara, e que revelava um plano para fechar a imprensa alternativa por meio da Lei de Imprensa ou de auditorias fiscais.

O sindicato dos jornalistas denunciou a iniciativa do governo, e a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) providenciou gratuitamente um advogado para defender os editores de *Lampião*. Naquele momento, o Somos estava, de certa forma, sem comando, então propus que formássemos um comitê para defender o *Lampião* e circular uma petição denunciando a ação dos militares, documento que seria assinado por alguns dos principais artistas, intelectuais e opositores do regime ditatorial. Minha proposta foi delineada de forma a causar impacto nas ações do governo, e com o objetivo de levar os membros do Somos a se organizarem politicamente e formar alianças.

Ao mesmo tempo em que participava do Somos, também estava ativo nos grupos de gays e lésbicas da Convergência Socialista que se encontravam toda semana para debater politicamente e planejar atividades. Quando ocorriam problemas no movimento gay, eu buscava conselhos em pessoas mais experientes na CS. Por exemplo, o Movimento Negro Unido organizou uma marcha pelo centro de São Paulo para celebrar o Dia da Consciência

Negra, em 20 de novembro de 1979. A liderança da Convergência sugeriu que propuséssemos ao Somos participar da marcha, uma vez que se tratava de um evento importante e que o *Lampião da Esquina* estava promovendo a ideia de que os gays deveriam se aliar às mulheres, aos negros e a outros grupos minoritários.<sup>10</sup> Levei a proposta ao Somos, e a maioria concordou que era uma grande ideia. Oferecemos a sede da CS como um espaço para pintar faixas, e alguns membros do Somos ficaram responsáveis pela criação e pintura das mesmas. Organizamos um contingente de aproximadamente vinte pessoas e distribuímos panfletos expressando nossa solidariedade com o Movimento Negro Unido, demarcando pontos de contato entre racismo e sexismo. Trouxemos também uma faixa que dizia “Contra a discriminação racial, SOMOS: Grupo de Afirmação Homossexual”.

Essa foi a primeira vez que gays e lésbicas protestaram nas ruas do Brasil. Assim como a campanha em defesa do jornal *Lampião*, esse evento deu aos membros do Somos, muitos dos quais jamais tinham participado em outros movimentos políticos, a confiança de ir a público. Minha impressão era de que os integrantes do Movimento Negro Unido, que não somavam mais de cem pessoas no evento, não entendiam de fato quem éramos, e aceitaram resignadamente a nossa participação no evento.

No final de 1979, seguindo o exemplo do Somos, uma meia dúzia de pequenos grupos brotou país afora. Em dezembro, o conselho editorial do *Lampião*, que agia como um ponto de contato para esses grupos, solicitou que eles enviassem representantes ao Rio de Janeiro para discutir a possibilidade de organizar um encontro nacional de grupos homossexuais. Aqueles que atenderam ao chamado decidiram realizar a conferência em São Paulo, em abril de 1980, e o Somos se ofereceu para sediar o evento. Aproximadamente 150 pessoas participaram das sessões fechadas no Encontro Nacional de Grupos Homossexuais Organizados, envolvendo cerca de oito grupos que representavam, por alto, mais ou menos trezentas pessoas. No terceiro dia, o evento aberto atraiu um público muito maior.

O encontro acabou se tornando um campo de batalha para a controvérsia que estava se desenvolvendo no interior do movimento. Enquanto os estudantes, em 1977, tinham liderado as manifestações contra o regime por meio de greves e mobilizações, no ano seguinte a classe trabalhadora brasileira assumiu o papel principal. Mais de 170 mil metalúrgicos da área da Grande São Paulo paralisaram a produção nas fábricas da Ford, Pirelli, Mercedes-Benz e Fiat, terminando efetivamente o que tinha sido saudado pela ditadura como uma década de paz trabalhista. Os militares perceberam que precisavam agir rapidamente para controlar a situação. Logo em seguida, o presidente anunciou novos passos em direção a reformas institucionais e prometeu apressar o retorno “lento e seguro” à democracia. Mais de três milhões de trabalhadores entraram em greve no ano seguinte. Professores, profissionais liberais e funcionários públicos juntaram-se aos metalúrgicos. Outra gigantesca onda grevista balançou os subúrbios industriais de São Paulo, mas dessa vez o governo respondeu com

---

10 Na época, eu rejeitava a palavra “minoritários” e preferia usar a desajeitada expressão “setores oprimidos”, porque achava que “minorias” tendia a marginalizar gays, mulheres e negros.



a intervenção no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, que tinha liderado a mobilização trabalhadora. Em resposta, os líderes da greve convocaram uma marcha para o 1º de Maio e um comício em São Bernardo do Campo, onde o sindicato estava sediado, em apoio aos trabalhadores e contra o regime.

Na abertura do Encontro Nacional de Grupos Homossexuais Organizados, alguém apresentou uma moção de solidariedade à greve geral dos metalúrgicos. Ela passou por unanimidade, refletindo o sentimento generalizado de simpatia pelos trabalhadores. O Brasil tinha estado sob a ditadura desde 1964, e a oposição ao governo sofrera uma repressão brutal entre 1968 e 1977. Os militares se utilizavam de um sofisticado aparato repressor que tinha como alvo trabalhadores dissidentes, esquerdistas e intelectuais. Quando os estudantes e, posteriormente, os trabalhadores desafiaram a ditadura, eles não apenas demonstraram que podiam lutar e conquistar concessões do governo, mas que o processo de abertura democrática dava espaço para que novos grupos pudessem se organizar. Em um encontro no Somos, defendi que se a violenta onda de repressão que se abateu a partir de 1968 não tivesse ocorrido, o movimento de liberação gay teria florescido como ocorreu na Europa, Estados Unidos, México, Argentina e Porto Rico. Gays e lésbicas simplesmente não tinham espaço para se organizar no clima político do Brasil. Era um argumento bastante simples, mas ainda assim Trevisan e o setor antiesquerdista do movimento criticaram a minha análise como se fosse um papagaio de retórica marxista-leninista.

No contexto do movimento, uma divergência mais significativa surgiu quando, no segundo dia de deliberações, alguém propôs que os diferentes grupos representados no Congresso participassem nas próximas manifestações do Dia do Trabalho. Ocorreu um debate sem regras e confuso, e a moção foi derrotada por 54 a 53 votos. Trevisan (1986, p. 354-355) descreve o incidente de uma maneira que reflete os principais argumentos dos antiesquerdistas no movimento. Sua posição é bem definida nessa passagem de *Perverts in paradise*:

Durante esse I Encontro Nacional, o momento mais crucial e mais revelador das divergências foi a votação em torno de uma moção que pretendia obrigar todo o Movimento Homossexual a participar da comemoração de Primeiro de Maio, Dia dos Trabalhadores, num estádio de futebol da cidade-operária de São Bernardo, perto de São Paulo. O grupo insuflado e inspirado pelos trotskistas propunha uma participação compulsória. O grupo adversário ponderava que um número tão pequeno de homossexuais não tinha direito de representar o Movimento e, muito menos, a vaga comunidade homossexual brasileira em si; propunha, como contrapartida, que não houvesse participação obrigatória dos grupos e sim uma decisão particular ou individual. Fui eu um dos que se opuseram à participação compulsória, para horror dos esquerdistas-de-alcibeira ali presentes. Eu sabia, sobejamente, que a chamada "liderança proletária" costumava esconder, debaixo de seu apelo à unidade, todo tipo de imposição e manipulação, já que só aceitava a unidade conforme ditada por seu Comitê Central. Eu estava igualmente ciente de que, nos bastidores, os trotskistas queriam tirar óbvios rendimentos com a presença de homossexuais sob sua égide, na passeata do Primeiro de Maio, onde cada

grupúsculo de esquerda se digladiava para aparecer mais. Nesse sentido, já fazia tempo que vínhamos sendo objeto de cooptação dos trotskistas, que tinham colocado à disposição do SOMOS o seu mimeógrafo e as dependências da sua sede, para confecção de faixas e como ponto de encontro de ativistas homossexuais.<sup>11</sup>

Grande parte da esquerda, naquele momento, era homofóbica. Ainda assim, Trevisan e seus apoiadores atacavam exatamente os setores da esquerda que *participavam* do movimento. Se a Convergência Socialista achava que a homossexualidade era produto da decadência burguesa, ou que gays e lésbicas deveriam abandonar suas lutas e combater apenas a ditadura, por que a CS participaria do movimento gay? A interpretação de Trevisan das atividades da esquerda influenciou um círculo inteiro de ativistas, mesmo que seus argumentos ignorassem existir apenas oito membros da CS com direito a voto no encontro nacional. Mais de uma centena de pessoas expressou sua opinião sobre a moção. Além disso, a moção conclamava para a participação na marcha e comício do Dia do Trabalhador. Como alguém poderia realmente forçar pessoas a protestar contra sua vontade? Se os trotskistas queriam recrutar novos membros, isso significava que estes deveriam concordar com o programa político dos trotskistas, e não simplesmente marchar em manifestações do Dia do Trabalhador. Se a classe trabalhadora e a esquerda eram inteiramente homofóbicas, como Trevisan e vários editores do *Lampião da Esquina* argumentavam, defender a participação de homossexuais teria, ao contrário, prejudicado suas chances de influenciar o movimento sindical.

De acordo com seus próprios escritos, Trevisan queria que sua visão da liberação gay dominasse o movimento. Ele era um libertário, que desejava que o movimento operasse na base do consenso, com a “rejeição à liderança de forma a evitar uma vez mais que nos tornássemos vítimas de porta-vozes e de intérpretes”. Ele queria um “autêntico movimento gay” sem “influências externas”. Na prática, isso significava que os editores de *Lampião*, que controlavam a distribuição nacional da publicação, teriam hegemonia sobre todo o movimento. O jornal criticava a CS mês após mês e, mesmo assim, recusou-se a publicar uma carta aberta que rebatia essas críticas, escrita pela Facção Homossexual – e isso para citar apenas um exemplo.

Mesmo que Trevisan criticasse o direito dos socialistas de participar do movimento, ele defendia o direito das feministas. As mulheres do Somos sentiam que a organização não focava no problema específico das lésbicas. Elas achavam que as questões dos homens gays eram dominantes e que o sexismo tornava difícil para elas atuarem como iguais. Ao longo de 1979 e no início de 1980, elas adotaram um programa feminista. Embora alguns homens no grupo se considerassem feministas, incluindo Trevisan e eu mesmo, o Somos não tinha adotado um programa feminista, ainda que a maioria das lésbicas do grupo estivesse se movendo nessa direção. De acordo com Trevisan, os socialistas não tinham o direito de apre-

---

11 *Perverts in paradise* foi publicado no Brasil sob o título *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade*.

sentar suas ideias, mas as feministas, sim. Sua noção de autonomia significava a exclusão daqueles com diferentes ideias políticas e que eram membros de organizações com as quais ele não concordava.

Depois que a moção para que o movimento participasse da manifestação do Dia do Trabalho foi derrotada por pouco, houve um encontro no Teatro Ruth Escobar, no terceiro dia do Congresso, cujo público chegou a oitocentas pessoas. Representantes de diferentes organizações falaram e responderam a questões. Foi um encontro animado. Imediatamente após, a maioria dos membros do Somos se encontrou e decidiu participar das atividades do Dia do Trabalho. De forma a não causar um racha no grupo, decidimos não usar o nome Somos, uma vez que uma minoria dentro da organização claramente se opunha a ideia. Assim, formamos um grupo *ad hoc* chamado Comissão de Homossexuais pró 1º de Maio, e marchamos com duas faixas proclamando “contra a intervenção no ABC” e “contra a discriminação dos/as trabalhadores/as homossexuais”. Preparamos um panfleto assinado pela Comissão e que expressava solidariedade com a greve dos metalúrgicos, articulando a luta deles com a dos oprimidos: negros, mulheres e homossexuais. Destacamos as formas de discriminação sofridas por homens gays e lésbicas na qualidade de trabalhadores, e fizemos um chamado à unidade da classe trabalhadora para acabar com essa discriminação.

Naquele dia, enquanto me reunia, no Centro de São Paulo, com alguns gays e lésbicas, não tinha ideia da gravidade dos fatos que estavam ocorrendo. Bloqueios policiais atrapalhavam o trânsito para a marcha. Tivemos de pegar um ônibus metropolitano, e eu estava preocupado se conseguiríamos chegar lá ou se a multidão iria nos travar. O 1º de Maio foi realizado, em São Bernardo do Campo, em uma atmosfera de repressão. Apenas no último minuto os militares permitiram que os manifestantes fizessem a marcha, e mesmo assim com helicópteros armados voando sobre suas cabeças como uma forma de dispersá-los. Mesmo assim, cerca de cem mil trabalhadores e apoiadores marcharam para o estádio de Vila Euclides, onde cinquenta mil esperavam para aplaudir sua chegada. Membros do Somos, incluindo alguns novos ativistas que tinham ingressado como resultado do congresso e do nosso próprio encontro, assim como as integrantes da Ação Lésbica-Feminista, que estavam em processo de separação do Somos, marcharam no contingente gay e lésbico. Éramos pelo menos cinquenta. Carregamos duas enormes faixas vermelhas com letras brancas. Uma delas dizia: “Contra a discriminação do/a trabalhador/a homossexual” e a outra, “Contra a intervenção dos sindicatos do ABC”, assinado SOMOS: Grupo de Afirmação Homossexual. Quando chegamos ao estádio, fomos muito aplaudidos.

Não entrevistei aqueles que nos saudaram quando entramos no estádio para saber quais eram suas opiniões. Imagino que as respostas deveriam variar de indiferença e incredulidade ao apoio, simplesmente por conta da novidade de que “até as bichas e sapatões estão com força hoje em dia”. Trevisan (1986, p. 357), que não foi ao evento do Dia do Trabalho, escreveu que,

orgulhosamente, desfilaram perante milhares de sindicalistas, de estudantes e de intelectuais de esquerda, sem se dar conta de que, além de engrossar a ala visível dos trotskistas, lá estavam melancolicamente apresentando seu certificado de boa conduta

e pedindo a bênção da hierarquia proletária, como homossexuais bem comportados. Naturalmente, receberam aprovação em forma de aplauso. Na prática, isso significou o início da domesticação do nascente movimento homossexual brasileiro, cujo discurso de originalidade ainda incipiente começava a ser sufocado antes mesmo de florescer. E não sei se, depois disso, ele jamais se recuperaria.

A manifestação do 1º de Maio representou um dos eventos mais importantes da minha vida porque senti que, finalmente, tinha integrado dois aspectos do meu ser e, de forma bem-sucedida, liderara um pequeno mas significativo movimento nessa direção. Ajudei outros homossexuais a compreenderem que eles não existiam isoladamente do resto da sociedade, e me tornei parte da primeira interação política, em um clima positivo, entre gays e lésbicas e trabalhadores comuns. Foi o primeiro grande passo para que o movimento gay saísse do armário no Brasil, e esse fato deixou fundações para uma aliança estratégica com o eleitorado de esquerda. Foi necessário um bocado de coragem para todos que marcharam, porque estávamos nos deparando com um novo desconhecido, ainda que muitos dos nossos temores talvez fossem infundados.

Em um encontro ocorrido algumas semanas depois, a facção antiesquerda separou-se do Somos, acusando-o de estar totalmente dominado pela Convergência Socialista. Eles formaram um grupo chamado Outra Coisa. Ironicamente, havia apenas três apoiadores da CS no Somos. Embora muitos membros respeitassem a CS, e alguns novos integrantes fossem egressos do movimento estudantil, identificando a si próprios como esquerdistas independentes, eles não



Manifestação do Dia do Trabalho em São Bernardo do Campo, São Paulo. 1º de maio de 1980. Acervo do autor

queriam entrar numa organização de esquerda. *Lampião da Esquina* tomou parte no racha, e acusou o Somos de ser controlado pela CS. Uma vez que o Somos tinha sido a primeira organização em prol dos direitos gays, e certamente era a maior, o racha teve um efeito desmoralizador no movimento, em especial entre aqueles que não sabiam exatamente o que estava acontecendo. Ainda assim, o Somos não entrou em crise. Apenas oito membros saíram, enquanto outros quarenta permaneceram, a maior parte dos quais se identificava, de alguma forma, com a esquerda ou com o movimento sindical. O restante queria apenas continuar fazendo aquilo para o que o grupo fora criado, isto é, lutar contra a homofobia e a discriminação.

Muitos meses após o racha, o grupo aprovou unanimemente uma declaração de princípios. Ela dispunha que o Somos não seria filiado a nenhum partido político, mas seus membros poderiam possuir a ideologia que desejassem e integrar qualquer partido político, e o grupo poderia participar das manifestações que julgasse pertinentes. Votei a favor dessa resolução, pois acreditava que o grupo como um todo deveria permanecer independente, mas que integrantes de grupos políticos também deveriam ter o direito de participar do Somos e de apresentar suas ideias, bastando que o fizessem democraticamente.

Após o racha, o Somos organizou, em maio de 1980, uma grande festa em um clube gay, para celebrar seu segundo aniversário, aumentar a nossa moral e mostrar ao grupo de Trevisan que o Somos ainda estava muito vivo. Durante a celebração, um dos integrantes che-



Grupo Somos, São Paulo (SP), 1980. Acervo do autor



gou muito agitado e avisou que a polícia tinha começado uma batida contra gays, lésbicas, travestis e prostitutas no Centro de São Paulo. O delegado de polícia José Wilson Richetti, da 4ª delegacia do Centro, tinha ordenado fazer um arrastão para “limpar” a cidade. Ao longo do mês seguinte, mais de 1.500 pessoas foram presas. O Somos chamou uma reunião de emergência, convidando outros grupos de São Paulo a planejar uma resposta às ações policiais. Decidi não ir ao encontro, pois tinha me tornado uma figura controversa, e muitos dos ex-integrantes do Somos me consideravam pessoalmente responsável pelo racha. Era identificado com a CS, e membros do Somos estavam tentando convencer as pessoas de que a CS não tinha tomado conta do grupo.

As organizações fizeram uma demonstração conjunta, e o Somos desempenhou um papel de protagonista nisso. Em 13 de junho de 1980, cerca de quinhentas pessoas se reuniram nos degraus do Teatro Municipal para protestar contra as batidas da polícia. Caía uma garoa quando os ativistas começaram a pedir a remoção do delegado Richetti. Eles também passaram a gritar *slogans* para que a manifestação marchasse pelas ruas de São Paulo e, lentamente, a multidão começou a se mover pela área do Centro, e foi crescendo até chegar a quase mil pessoas. Carregando faixas contra a violência policial e cantando *slogans* como “Abaixo a repressão, mais amor e mais tesão”, esse foi de longe o maior evento do movimento gay brasileiro até aquele momento. Muitos analistas políticos concordam que essa manifestação foi uma das razões que levaram ao fim das batidas policiais logo depois.

O Somos então começou a arrecadar fundos para alugar uma sede no Centro de São Paulo. Nós nos tornamos o primeiro grupo de gays e lésbicas do Brasil a ter um espaço próprio que poderia comportar reuniões com cem ou mais pessoas e adequado à realização de encontros para a arrecadação de fundos. Em outubro de 1980, o Somos recebeu uma ameaça de um grupo de extrema-direita chamado Cruzada Anti-Homossexualismo, que, no estilo de outros grupos reacionários, como a Nova Falange Patriótica, a Brigada Moral, e o Comandos Anticomunistas, enviou uma carta à organização ameaçando “limpar a mancha do perfume barato da prostituição masculina [...] que] prostituía a Sagrada Família Brasileira, enfraquecendo as fundações da Nação”. Em protesto, o grupo participou de outra demonstração organizada pela esquerda em São Bernardo do Campo, com a faixa “Parem com os atos terroristas! SOMOS: Grupo de Afirmação Homossexual”. Esquerdistas, incluindo membros do recém-formado Partido dos Trabalhadores (PT), organizaram esse evento porque a direita tinha reforçado suas ações contra diversas organizações, incluindo a prática de atos violentos.

Após um ano de intensa atividade, um encontro foi realizado, em dezembro de 1980, no Rio de Janeiro, para planejar o segundo encontro nacional. Mesmo que representantes de dezesseis organizações tivessem comparecido, ficou claro que o movimento ainda era pequeno, e o segundo encontro nacional nunca ocorreu. Os grupos não estavam crescendo em número de integrantes, e existia uma confusão generalizada a respeito dos rumos do movimento. Acredito, em parte, que o conflito interno do Somos desmoralizou o movimento como um todo, porque o grupo era visto como a vanguarda, a organização líder. Em São Paulo, quatro grupos tentaram coordenar as atividades. Em abril de 1981, a Ação Lésbica-Feminista, o Somos, a Facção Homossexual (Convergência Socialista) e o Alegria-Alegria (um

“racha” fraterno do Somos) reuniram-se na Universidade de São Paulo para discutir os problemas do movimento e explorar áreas de interesse comum.

Alguns membros do Somos acreditavam que o PT tinha potencial para ser o melhor aliado político do movimento de gays e lésbicas. A maior parte do movimento de trabalhadores, esquerdistas e setores radicais da Igreja Católica formou o PT como uma alternativa a outros partidos políticos que estavam sendo criados e eram dominados por setores da elite econômica que se opunham à ditadura. Ativistas gays de esquerda decidiram então levar a questão dos direitos dos homossexuais ao PT. Organizados em um contingente denominado “Militantes homossexuais construindo o Partido dos Trabalhadores”, membros do Somos marcharam na manifestação do Dia do Trabalho, em 1981, com faixas em que se lia: “Contra a discriminação dos trabalhadores homossexuais”.

Na convenção nacional do PT, realizada em setembro de 1981, Lula anunciou que “não iria permitir que a homossexualidade fosse tratada em nosso partido como uma doença e, muito menos, um caso de polícia”. Lula também declarou que o PT iria “defender o respeito que eles merecem, convocando-os para a construção da nossa sociedade”. Essa foi uma declaração importante porque pela primeira vez um partido político legalizado – uma vez que as várias tendências esquerdistas não tinham status legal – veio a público em apoio aos direitos de gays e lésbicas no Brasil. Nas eleições de 1982, o PT registrou oitenta candidatos gays, incluindo um que já exercera mandato e que saíra do armário em televisão nacional, João Batista Breda. Ainda que Breda tenha perdido a reeleição, essa foi a primeira vez que candidatos abertamente gays ou lésbicas concorreram a cargos públicos no Brasil.

Em julho de 1981, o conselho editorial de *Lampião da Esquina* decidiu fechar a publicação, alegando que a circulação tinha caído e que a comunidade não estava apoiando o jornal. Trevisan observou que *Lampião* tinha se tornado distante da comunidade gay, ao mesmo tempo em que repudiava o ativismo político. O conselho editorial de *Lampião* planejara dirigir o movimento por intermédio da publicação, mas com exceção de Trevisan e Darcy Penteadó, nenhum dos editores se tornou atuante em qualquer grupo. Lembro-me de propor, em 1979 ou 1980, que todo membro do Somos se comprometesse a vender pelo menos dez cópias da publicação. Via isso como uma forma de aumentar a circulação do periódico e, ao mesmo tempo, de encorajar membros do Somos a se engajarem em atividades de discussão na comunidade gay sobre como a publicação poderia servir ao movimento político. Quando fiz a proposta, Trevisan e seus apoiadores a descartaram inteiramente, criticando-a por supostamente macaquear o modelo da esquerda.

Conseguia entender as experiências negativas que Trevisan havia tido com esquerdistas homofóbicos nos anos de 1960, uma vez que eu mesmo tivera experiências semelhantes com a esquerda dos EUA. De fato, a Facção Homossexual da Convergência Socialista publicou um livreto intitulado *Homossexualidade: da opressão à liberação*, incluindo entrevistas com editores de publicações do Partido Comunista, que era pró-soviético; do Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8), que tinha se envolvido com ações de guerrilha na década de 1960 e era pró-Cuba; e da Convergência Socialista. O MR-8, que tinha alguma influência política naquele momento, declarava claramente que a homossexualidade era produto

da decadência burguesa, enquanto o Partido Comunista considerava a temática secundária. Assim, era possível entender a apreensão de líderes do movimento gay. Contudo, a Convergência Socialista era uma organização trotskista, que criticava os regimes stalinistas. Trevisan, por exemplo, sabia que a CS se opunha à natureza burocrática de Cuba e da União Soviética. Mas, do ponto de vista dele, todas as várias facções da esquerda eram uma mesma coisa.

Logo após o racha no Somos, Trevisan me enviou uma carta aberta rompendo nossa amizade. Ele escreveu que, “para o bem do nosso ainda frágil movimento homossexual, eu peço a você que fique restrito aos limites da sua organização política, que pare de manipular grupos homossexuais, e que não misture as suas sectárias crenças socialistas com a nossa luta por liberação sexual e com nossas tentativas de transformação sociocultural que são baseadas em nossas vidas, e não em manuais revolucionários... deixe que os homossexuais falem por si próprios, sem representantes e mediadores de qualquer tendência”. Compreendi então que, ou ele não me considerava um homossexual, ou achava que eu tinha deixado de ser gay quando me tornei socialista.

Ativistas olhavam para *Lampião da Esquina* e viam uma força unificadora e uma publicação que poderia estabelecer lideranças. Quando o seu conselho editorial atacou a CS e o Somos, acabou prejudicando o apoio que estava recebendo do movimento. Acredito que até mesmo leitores fiéis acharam que o movimento era muito pequeno e precário para aguentar divisões. Por exemplo, *Lampião* publicou um artigo denunciando Lula e a classe trabalhadora por não defenderem os direitos de gays e lésbicas, mas o PT assumiu a defesa do direito de organização dos homossexuais. Creio que os ativistas não gostaram da maneira como o jornal parecia somente saber criticar os outros. Em seu livro, Trevisan assinala que as últimas edições de *Lampião* focaram em Cuba e venderam muito mal nas bancas, enquanto outras publicações sobre o carnaval se saíram muito bem. Ele mencionou essa como uma das razões para o fim do jornal. Os leitores não estavam interessados em política.

De certa forma, ele estava certo. A maioria dos homossexuais não se interessava por política, e mesmo a minoria de ativistas tinha de enfrentar o peso avassalador da homofobia e de uma sociedade sexista que buscava despolitizá-los. A rejeição de suas famílias, pares, amigos, da Igreja e da sociedade em geral, criava as condições que provocavam a tendência natural de procurar outros homossexuais e de se juntar para conseguirem apoio para expressar sua sexualidade livremente. Homens gays, com frequência, canalizam suas necessidades saindo para farrear e gastando um bom tempo à procura de parceiros. Sobra pouco tempo para o ativismo político. Mesmo assim, em um clima de despolitização, após o primeiro Encontro de Grupos Homossexuais Organizados, uma nova geração juntou-se ao Somos. Muitos eram ex-ativistas estudantis que, finalmente, conseguiam aceitar a sua homossexualidade. Eles trouxeram consigo uma atitude relativamente positiva em relação à política e ajudaram a segurar a organização após o racha.

Fico muito hesitante de traçar quaisquer analogias entre o movimento dos Estados Unidos e o do Brasil. Contudo, se alguém olhar para a história do movimento dos EUA, ela não começa em 1969, com os protestos de Stonewall, na cidade de Nova Iorque. O movimento organizado vem desde os anos de 1950, com a *Mattachine Society*, e com a fundação da

*Daughters of Bilitis*, em São Francisco, em 1955. Esses eram grupos pequenos, marginais, que representavam um insignificante percentual de homossexuais. Os movimentos sociais da década de 1960 impulsionaram o movimento de gays e lésbicas a se tornar o que é, mas ocorreram após vinte anos de preparação e de mudanças sutis que a maior parte dos gays e das lésbicas sequer percebeu que estavam ocorrendo.

Infelizmente, no Brasil, por conta da ditadura militar repressiva, que fez do ato de se organizar politicamente uma empreitada de risco, as organizações de gays e lésbicas não tiveram espaço político para se desenvolver antes de 1977. Não foi possível ocorrer o acúmulo de experiências, ativistas e organizações. Ainda assim, existia um movimento internacional que avançava. Gays e lésbicas brasileiros estavam cientes das vitórias que vinham sendo obtidas em outras partes do mundo, e quando as condições políticas se tornaram propícias à organização, eles tentaram ir de zero a cem numa única volta.

Em 1981, apenas de 200 a 250 pessoas atenderam ao chamado para uma manifestação em frente ao Teatro Municipal de São Paulo que buscava comemorar a marcha do ano anterior, que reunira mil participantes. Era claro que o movimento em São Paulo estava retrocedendo. Uma das razões era a exaustão de muitos dos principais ativistas. No final de 1981, por exemplo, eu estava cansado de fazer trabalho político no movimento gay por conta de todas as pressões

e problemas que tinha enfrentado na condição de líder de esquerda. Então, houve a questão da falta de liderança generalizada com o fim do *Lampião*, e a inabilidade geral de obter a confiança do movimento como um todo, de forma a nos unir. Não existia nenhuma publicação que pudesse noticiar o que ocorria nacionalmente no movimento.

Em 1982 e 1983, o movimento de massas também declinou. O movimento sindical fracassou nas greves de 1980 e se defrontou com demissões maciças de seus integrantes. O Partido dos Trabalhadores também não foi tão bem como se esperava nas eleições de 1982, obtendo apenas 8% dos votos. Uma severa recessão econômica e o desemprego generalizado tiveram impacto nos grupos gays, cujos membros normalmente são

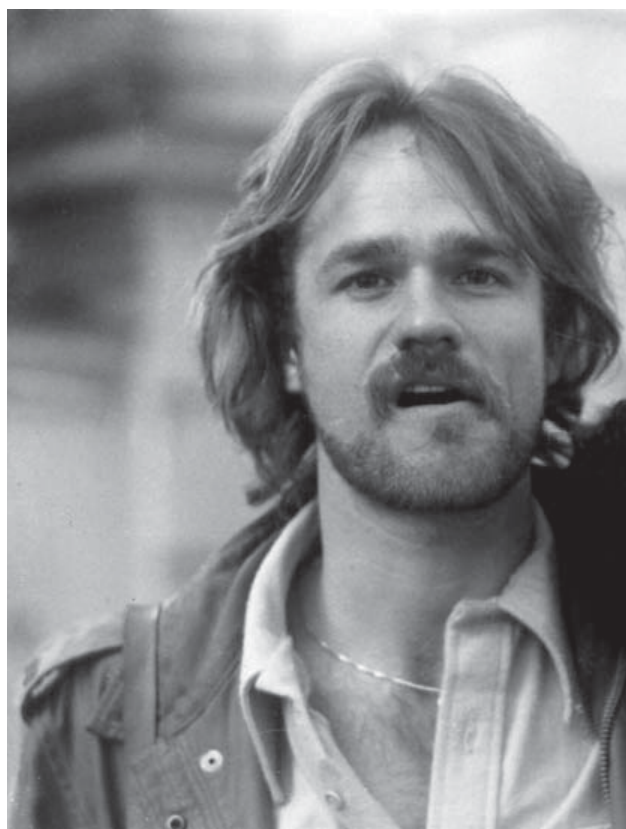


Foto de James Green em São Paulo, 1980. Acervo do autor

profissionais liberais, estudantes e empregados da baixa classe média. A sobrevivência econômica vinha antes da ação política. O Somos tentou criar uma publicação mensal que pudesse preencher o vazio deixado pelo fechamento de *Lampião*, mas faltaram recursos financeiros para sustentar o projeto.

No final de 1982, a liderança do Somos estava exausta, e o grupo acabou em 1983. Apenas uma ou duas organizações dessa primeira fase do movimento de liberação gay brasileiro conseguiram manter-se. O Grupo Gay da Bahia, liderado por Luiz Mott, um antropólogo da Universidade Federal da Bahia, sobrevive até os dias de hoje, e continua fazendo um trabalho importante para o avanço dos direitos de gays, lésbicas, transexuais e transgêneros.

De acordo com a análise que eu já fazia naquela ocasião, se o Brasil não estivesse dominado por uma ditadura militar no final dos anos de 1960 e início de 1970, o movimento brasileiro de gays e lésbicas teria se desenvolvido antes do que se desenvolveu. As aberturas políticas na Argentina, de 1971 a 1976, permitiram a criação de um movimento naquele país, e não há razões para acreditar que algo comparável não fosse surgir no Brasil se as condições políticas tivessem sido mais favoráveis. Assim como o movimento de liberação gay nos Estados Unidos e na Europa fora impulsionado pelos estudantes, pela luta por direitos civis, pelo feminismo e pelos movimentos antiguerra, também o tardio movimento brasileiro foi encorajado pelas organizações de estudantes, mulheres, negros e trabalhadores que lutavam contra a ditadura militar.

Da mesma forma, na minha concepção, o movimento gay internacional teve um impacto direto no movimento do Brasil, por meio da visita de ativistas gays dos Estados Unidos e de outros países, e das experiências dos gays brasileiros que tinham morado no exterior. O Somos olhava para os Estados Unidos e a Europa buscando por ideias e inspiração. Além disso, ex-ativistas da Frente de Liberação Homossexual, na Argentina, encorajaram as fases iniciais do movimento.

Minha própria experiência como ativista gay nos Estados Unidos foi importante no sentido de me proporcionar uma visão a respeito de como um movimento gay militante poderia se desenvolver no Brasil. Lembro-me que durante cada nova fase do avanço do movimento eu buscava destacar nos encontros como havíamos acabado de fazer algo histórico ou monumental. Tinha vivido nos Estados Unidos e reprimido meus desejos sexuais antes de Stonewall. O movimento tinha me transformado. Acreditava que o mesmo seria possível no Brasil e, por essa razão, tentei desenvolver estratégias políticas levando isso em consideração. Minha experiência de organizador me colocava numa posição única no movimento brasileiro. Muitas vezes fui respeitado como líder porque projetava um senso de autoconfiança. Creio que isso é o que faz um bom líder político, uma pessoa que pode ver suficientemente longe para dar direção a um grupo e inspirar a confiança de que o impossível é, afinal, possível.

Nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, a Nova Esquerda<sup>12</sup> refluíu em meados dos anos de 1970, e o movimento de gays e lésbicas passou por mudanças correspondentes.

---

12 Nova Esquerda (*New Left*, em inglês) refere-se aos movimentos políticos de esquerda surgidos em vários países ocidentais a partir da década de 1960, que adotavam uma definição de ativismo político mais ampla, comumente chamada de ativismo social.

Organizações de liberação gay deram origem a uma multiplicidade de organizações comunitárias, grupos políticos reformistas e instituições dedicadas a novas demandas. No Brasil, o impacto das primeiras organizações se desvaneceu juntamente com os movimentos gerais contra a ditadura militar, e existiam poucas entidades que pudessem substituí-las. Isso ocorreu porque no Brasil, na Argentina e em outros países latino-americanos não existiram movimentos pré-liberação gay, como a *Mattachine Society* e as *Daughters of Bilitis*, que tivessem congregado ativistas antes de 1969, e que seriam necessários para ajudar as organizações criadas posteriormente.

No Brasil, o Somos, o *Lampião da Esquina* e outros grupos fundados posteriormente foram tanto pré-movimento quanto movimento ao mesmo tempo. Quando a Aids apareceu no Brasil, em 1983, como um problema de saúde para a comunidade gay, muitos dos novos grupos fundados para responder à pandemia se constituíram com base nas experiências do Somos e de outros grupos. Eles tentavam descobrir como organizar os homossexuais para responder à crise causada pela doença e, de fato, muitos ativistas contra a Aids tinham participado do movimento gay ou do movimento de esquerda.

Meu sonho tinha sido encontrar uma maneira de unir os meus ideais políticos à luta contra a opressão que sentia como um homem gay. Ainda que tenha feito um bom trabalho em São Francisco, ao encontrar uma comunidade de ativistas gays que eram abertamente socialistas, aquilo parecia ter um impacto limitado. Não tinha planejado ajudar a fundar o movimento gay no Brasil quando comecei, em 1976, minha viagem pelo rio Amazonas.

Ao mesmo tempo em que os eventos de desenrolavam, vi a possibilidade de articular dois importantes movimentos de forma a superar os meus próprios conflitos pessoais, e fiz todo o possível para que o movimento emergisse com uma orientação e um programa progressistas. Lutei para fazer com que o setor da esquerda com o qual trabalhava passasse a desenvolver um claro programa pró-gays e lésbicas. Ainda que o Somos e a esquerda não tenham conseguido manter suas atividades, acredito que preparamos o palco e o tom para a emergência do movimento incrivelmente poderoso que veio depois.

TRADUÇÃO DE VICENTE A. C. RODRIGUES.

## Referências bibliográficas

GREEN, James N. The emergence of the Brazilian gay liberation movement: 1977-1981. *Latin American Perspectives* 21, n. 80, p. 28-55, Winter 1994.

\_\_\_\_\_. More love and more desire: the building of the Brazilian movement. In: ADAM, Barry; DUYVENDAK, Jan Willen; KROUEWL, André (eds.). *The Global Emergence of Gay and Lesbian Politics: National Imprints of a Worldwide Movement*. Philadelphia: Temple University Press, p. 91-109, 1999.



\_\_\_\_\_. Desire and militancy: lesbian, gays and the Brazilian Workers' Party. In: DRUCKER, Peter (ed.). *Different rainbow: same-sex sexuality and popular struggles in the Third World*. London: Gay Men's Press, p. 57-70, 2000a.

\_\_\_\_\_. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Unesp, 2000b.

\_\_\_\_\_. (Homo)sexuality, Human rights, and revolution in Latin America. In: WASSERSTORM, Jeffrey N.; HUNT, Lynn; YOUNG, Marilyn B.; GRANDIN, Gregory (ed.). *Human rights and revolutions*. Boston: Rowman and Littlefield, p. 139-154, 2007.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da "abertura"*. Campinas: Unicamp, 1990.

\_\_\_\_\_. Homosexual identities in transitional Brazilian politics. In: ESCOBAR, Arturo; ALVAREZ, Sonia E. (ed.): *The making of social movements in Latin America: identity, strategy and democracy*. Boulder: Westview Press, p. 185-203, 1992.

SATTAMINI, Lina Penna. *A mother's cry: a memoir of politics, prison and torture under the Brazilian military dictatorship*. Tradução para o inglês de Rex P. Nielson e James N. Green. Durham: Duke University Press, 2010.

TREVISAN, João S. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade*. São Paulo: Max Limonad, 1986; Record, 2002.

\_\_\_\_\_. *Perverts in paradise*. London: GMP Publishers, 1986.

---

Recebido em 5/12/2013

Aprovado em 3/1/2014